



O ALUNO INVISÍVEL NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: PERSPECTIVAS DE ALUNOS SURDOS OU COM PERDA AUDITIVA SOBRE INCLUSÃO

LEITE, Luciana Moreira Ferreira¹; ALVES, Maria Luíza Tanure²

Eixo Temático: Educação Física e Inclusão Escolar

RESUMO

Atualmente as pesquisas sobre a inclusão em aulas de educação física têm assumido o papel protagonista dos alunos com deficiência na construção do conhecimento. No entanto, essas pesquisas estão focadas principalmente em alunos com deficiências físicas ou visuais. Pesquisas com alunos surdos ou perda auditiva ainda são escassas. Nesse cenário, este estudo tem como objetivo investigar a perspectiva de alunos surdos ou perda auditiva em suas aulas de educação física, com foco na compreensão dos valores e crenças sobre a deficiência por trás deste contexto específico. Participaram do estudo sete alunos com perda auditiva ou surdez. Estes alunos foram entrevistados individualmente com auxílio de uma intérprete da língua de sinais. As entrevistas foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo com categorização temática. As aulas de educação física são um local difícil para os alunos com surdez ou com deficiência auditiva. Apesar de sua presença na turma, esses alunos não puderam participar de atividades sendo ignoradas pelos professores e colegas. As aulas de educação física são reconhecidas como um local de padrão de normalidade sem aceitação da língua de sinais. Nesse cenário, as perspectivas destes alunos frente ao contexto esportivo ainda são limitadas.

Palavras-chaves: Surdo; Educação Física; Educação especial; Esporte.

INTRODUÇÃO

Atualmente a educação de alunos com deficiência em escolas regulares juntamente com seus pares sem deficiência já é garantida como um direito por diversos países (Qvortrup; Qvortrup, 2018). Através do movimento inclusivo, alunos com deficiência

¹ Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo. luliferreiraleite@gmail.com

² Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo. tanure@unicamp.br



tem reconhecido o direito à educação de qualidade com atendimento as suas necessidades específicas de aprendizagem (Ainscow,2005). Além dos benefícios econômicos de um único sistema educacional, a inclusão também é apoiada por seus benefícios sociais tanto para alunos com deficiência, quanto para a comunidade em geral.

Em escolas inclusivas, alunos com deficiência aprendem com seus colegas sem deficiência, desenvolvendo um senso de aceitação e pertencimento a comunidade. Por sua vez, a diversidade presente em sala de aula promove mudanças na prática pedagógica do professor, e ao mesmo tempo, ensinam alunos sem deficiência a responder à diferença de maneira adequada e enriquecedora à aprendizagem. Em escolas inclusivas há o reconhecimento da diversidade como enriquecedora do ambiente de aprendizagem.

Entretanto, quando se trata da educação de alunos surdos há questionamentos se a educação inclusiva realmente é o melhor caminho a ser seguido. Para Doherty (2012), tendo em vista que a linguagem de sinais ainda não está presente nas escolas regulares, as dificuldades de comunicação para o aluno surdo é frequente, resultando em sentimento de exclusão e não aceitação. Para a autora, a escola e sua comunidade não tem uma consciência sobre a surdez e como tratar estes alunos, o que prejudica o seu desenvolvimento e aprendizagem (Doherty, 2012).

Os poucos estudos realizados com foco na inclusão de alunos com DA expõem a sua participação reduzida nas aulas de EF, com dificuldades de comunicação tanto com seus professores quanto seus colegas de classe (Lieberman *et al.*, 2000; Alves *et al.*, 2014). Neste ponto, a comunicação do aluno surdo fica restrita ao intérprete da língua de sinais (Lieberman *et al.*, 2000). Como consequência, os problemas de comunicação prejudicam seu foco e atenção nas atividades propostas.

Frente à estes achados, o estudo tem como objetivo investigar o processo inclusivo do aluno com DA nas aulas de Educação Física escolar, através de uma análise sociológica ampliada com base nos questionamentos sobre o entendimento de inclusão, currículo e valores da EF frente à deficiência.

MÉTODOS

Participaram do estudo sete alunos com deficiência auditiva (surdez ou perda auditiva), entre 17 e 20 anos matriculados no ensino médio em escolas públicas de Campinas e região. Os alunos com surdez comunicavam-se através da linguagem de sinais (Libras), enquanto que alunos com perda auditiva comunicavam-se através da linguagem oral.

Os participantes foram selecionados por conveniência (Creswell, 2003) durante a participação destes em programa de atividade física para pessoas com DA oferecido por uma universidade pública em Campinas, São Paulo. Desta forma, para participação no estudo, os alunos com DA deveriam 1) frequentar as aulas de EF regularmente com seus colegas sem deficiência; e 2) frequentar o ensino fundamental II (alunos entre 11 e 14 anos - 6º. ao 9º. ano) ou ensino médio (alunos entre 15 e 18 anos -1º. ao 3º. série). Pseudônimos foram usados para proteger as identidades do aluno. O estudo foi



aprovado pelo comitê de ética da instituição do primeiro autor. Pseudônimos foram utilizados para garantir o sigilo da identidade dos participantes.

Foram empregadas entrevistas semiestruturadas como principal instrumento para coleta de dados. Este tipo de entrevista permite aprofundamento pelo pesquisador no tema de interesse a partir das respostas dos participantes (Creswell, 2003). A entrevista seguiu roteiro estruturado por dois pesquisadores com ampla experiência no desenvolvimento de pesquisas qualitativas sobre o tema.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante com auxílio de interprete, a qual tinha objetivo auxiliar no processo de comunicação aos participantes que se comunicavam em língua de sinais. Anteriormente ao início das entrevistas, o pesquisador apresentou o roteiro de entrevista à interprete para adequações e compreensão da melhor forma de comunicação durante as entrevistas. As entrevistas foram conduzidas na forma de diálogo, buscando garantir a melhor forma de interação entre pesquisador e participante. Algumas questões das entrevistas incluíam: Como é a sua participação nas aulas de Educação Física? Como você se sente nas aulas de Educação Física? Como você gostaria que fosse a aula de Educação Física? O que poderia melhorar?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas analisadas, dois pontos centrais se apresentam como determinantes no processo inclusivo de alunos com DA: 1) comunicação e 2) relações sociais.

A comunicação adequada entre o aluno com DA, professor e grupo de alunos sem deficiência é apontada como um ponto fundamental para o envolvimento nas aulas de EF. Alunos com DA relatam dificuldade de comunicação com professor, com prejuízos para a compreensão das atividades e na participação na aula.

De acordo com os participantes do estudo, as estratégias de ensino dos PEF não são adequadas. Apesar da presença da intérprete, alunos com DA não conseguem compreender as explicações realizadas pelo PEF, bem como as exigências das atividades propostas.

As entrevistas analisadas revelam que a comunicação entre o professor de EF e alunos com DA é restrita. De forma geral, PEF assumem que a comunicação com o aluno com DA é papel da intérprete. Com a comunicação limitada, os alunos participantes se sentem ignorados pelo PEF. A incapacidade do aluno em ouvir e em se expressar verbalmente é ignorada pelo PEF, o qual não elabora nenhuma adaptação na aula para propiciar a compreensão e acompanhamento pelo aluno com DA.

As relações sociais do aluno com DA com colegas de classe são marcadas pelo isolamento social, negligencia e rejeição. O aluno Junior relata que “[...] Não me comunico com eles [colegas sem deficiência] na verdade, não mantenho contato nada, por que o surdo não fala, e eles não têm interesse, eles ficam no canto e eu fico no meu.”.



Alunos com DA tem interação social e comunicação restrita a intérprete. Além da ausência de interação, alunos com DA relatam experiências de bullying por parte dos colegas de classe. Os comportamentos de *bullying* e preconceito estão associados a dificuldades do aluno com DA em compreender e participar das atividades, bem como a necessidade de intérprete para sua comunicação.

Apesar do aumento no número de estudos sobre o processo inclusivo de alunos com deficiência nas aulas de EF, estes dificilmente têm como foco o aluno com DA. Por motivos ainda não conhecidos, a inclusão deste aluno na EF ainda não tem a devida atenção dos pesquisadores na área. No entanto, os resultados aqui apresentados revelam que o aluno com DA enfrenta dificuldades importantes para participar da aula de EF.

A apresentação deste panorama das aulas de EF para alunos com DA nos remete à discussões já presentes sobre valores e práticas presentes na aula de EF frente à deficiência (Barton, 1993; Brittain, 2004a; b; Evans, 2004; Fitzgerald, 2005; Fitzgerald e Kirk, 2009). As pesquisas realizadas no campo da deficiência e da EF levantam questionamentos sobre a inclusão deste aluno, frente à currículo, práticas e valores voltados à performance motora. Para os autores da área, as exigências motoras e físicas e os valores associados ao corpo hábil presentes na aula de EF prejudicam ou até inviabilizam a inclusão de alunos com deficiência (Kirk, 2002; Fitzgerald, 2005; Fitzgerald e Kirk, 2009; Petrie *et al.*, 2018). No entanto, as dificuldades vivenciadas por alunos com DA na aula de EF direcionam estas discussões para além das dificuldades motoras. No caso de alunos com DA, sem dificuldade para performance das habilidades motoras e também de compreensão das regras e dinâmica do jogo, a comunicação se revela como principal impedimento para inclusão.

CONCLUSÕES

A inclusão exige a aceitação e valorização da diversidade. Apenas a presença do aluno na quadra, como observado no estudo, não garantem a sua participação e construção de senso de pertencimento junto à turma, aspectos fundamentais quando se pensa em inclusão. Neste cenário, a inclusão de alunos surdos perpassa pela valorização da linguagem de sinais nas aulas de educação física. A cultura presente na aula de EF precisa evoluir para um entendimento do diferente como normal, e a partir deste ponto construir suas práticas possíveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. P. et al. Representações de Alunos surdos sobre a inclusão nas aulas de educação física. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 65-78, 2014.

BARTON, L. Disability, Empowerment and Physical Education. In: EVANS, J. (Ed.). **Equality, education and Physical education**. London: Falmer Press, 1993.



BRITTAİN, I. Perceptions of disability and their impact upon involvement in sport for people with disabilities at all levels. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 28, n. 4, p. 429-452, Nov 2004a. ISSN 0193-7235. Disponível em: <<Go to ISI>://WOS:000224507100005 >.

_____. The Role of Schools in Constructing Self-perceptions of Sport and Physical Education in Relation to People with Disabilities. **Sport, Education and Society**, v. 9, n. 1, p. 75-94, 2004b.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, quantitative and mixed methods**. London: Sage Publications, 2003.

DOHERTY, M. T. Inclusion and Deaf Education: the perceptions and experiences of young deaf people in Northern Ireland and Sweden **International Journal of Inclusive Education**, v. 16, n. 8, p. 791-807, 2012.

EVANS, J. Making a difference? Education and 'ability' in physical education. **European Physical Education Review**, v. 10, n. 1, p. 95-108, 2004.

FITZGERALD, H. Still Feeling like a Spare piece of Luggage? Embodied experiences of (dis)ability in physical education and school sport. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 41-59, 2005.

FITZGERALD, H.; KIRK, D. Physical Education as a normalizing practice: Is there a space for disability sport? In: FITZGERALD, H. (Ed.). **Disability and Youth Sport**. London: Routledge, 2009. p.91-105.

KIRK, D. The social construction of the body in physical education and sport. In: LAKER, A. (Ed.). **The Sociology of Sport and Physical Education**. London: RoutledgeFalmer, 2002. p.79-91.

LIEBERMAN, L. J. et al. Peers Tutors' Effects on Activity Levels of Deaf Students in Inclusive Elementary Physical Education. **Adapt Phys Activ Q**, v. 17, p. 20-39, 2000.

PETRIE, K.; DEVCICH, J.; FITZGERALD, H. Working towards inclusive physical education in a primary school: 'some days I just don't get it right'. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 23, n. 4, p. 345-357, 2018.